

RUA AUGUSTO EMILIO ZALUAR

Lei nº 2716 de 18-08-1962

Formada pela rua 33 do Jardim Chapadão

Início na avenida Governador Pedro de Toledo

Término na rua Clodomiro Ferreira de Camargo

Jardim Chapadão

Obs.: Lei assinada pelo Prefeito Municipal Miguel Vicente Cury.

AUGUSTO EMILIO ZALUAR

Augusto Emilio Zaluar, nasceu em Lisboa, Portugal, em 1825, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1882. Foi poeta e jornalista. Veio para o Brasil em 1849, fundando diversos jornais na cidade do Rio de Janeiro, porém, de pequena importancia. O mais famoso foi "O Paraíba", editado em Petrópolis, no Estado do Rio, em virtude de haver sido o primeiro jornal em que Machado de Assis colaborou. Em 1860 e no ano seguinte, realizou uma viagem desde a provincia do Rio de Janeiro, entrando pela de São Paulo, passando por Campinas. Dessa viagem deixou uma narrativa, publicada em 1862, que vem merecendo, de há muito, a atenção dos estudiosos. Esse livro "Peregrinação pela Provincia de São Paulo", é considerado de enorme valor e importante documentário, pois Zaluar conta a viagem que fez, a cavalo, do Rio a São Paulo, sem pressa, parando em todas as cidades, em cada hospedaria, maravilhando-se com cada pôr-do-sol, deixando um retrato das pessoas e da paisagem do Brasil daquela época. Adentrando pela região campineira, Augusto Zaluar veio a conhecer, em detalhes, justamente a zona do país em que o café desdobrava as suas lavouras, numa de suas mais curiosas fases. É que quando empreendeu a sua peregrinação, os cafezais fluminenses começavam a declinar, enquanto que os do vale do Paraíba paulista atingiam uma fase de esplendor, ao mesmo tempo que iniciava a etapa campineira. Seus relatos são de grande valia e isto se comprova pelas inúmeras reimpressões de sua obra, destinada principalmente, aos estudiosos.

RUA AUGUSTO EMILIO ZALUAR



LEI N.º 2716, DE 13 DE AGOSTO DE 1962

Dá o nome de Augusto Emilio Zaluar a uma rua da cidade

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

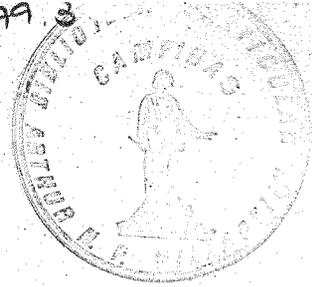
Artigo 1.º — Fica denominada Augusto Emilio Zaluar a Rua 33 do Jardim Chapadão, que tem início na Avenida Governador Pedro de Toledo e término na Rua Clodomiro Pereira de Camargo.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de agosto de 1962.

MIGUEL VICENTE CURY — Prefeito Municipal
Publicado no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal em 18 de agosto de 1962.

DR. PLINIO DO AMARAL — Diretor do Departamento do Expediente.



RUA AUGUSTO EMILIO ZALUAR

(Denominação dada pela Lei nº 2716 de 18.08.1962)

AUGUSTO EMILIO ZALUAR foi poeta e jornalista português, que veio para o Brasil no ano de 1849. Excursionou pelas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, reunindo suas impressões de viagem em volume que publicou em 1863.

Embora a crítica o considere um escritor medíocre, suas observações são válidas e frequentemente citadas na vasta literatura dos viajantes do século passado.

A municipalidade campineira homenageou-o, dando seu nome a uma via pública, no bairro do Bonfim.

(Extraído de "Notícia Bibliográfica e Histórica", pág. 294, nº 59, Ano V, referente a julho/agosto/1974, do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a responsabilidade de Odilon Nogueira de Matos).

RUA AUGUSTO EMILIO ZALUAR



"Uma rua chamada Zaluar"

Odilon Nogueira de Matos

Bem que ela poderia chamar-se assim: simplesmente Rua Zaluar, que bastaria para identificar o titular de simpática via pública do Bonfim, de apenas duas quadras, ligando a Governador Pedro de Toledo à Clodomiro Ferreira Camargo. Mas a Prefeitura de Campinas, na sua preocupação de dar às ruas nomes completos dos homenageados, denominou--a Rua Augusto Emilio Zaluar. Não importa. O que vale é o sentido da homenagem, inscrevendo numa via da cidade o nome do jornalista e poeta português (bem melhor jornalista que poeta) que em 1863 publicou valioso livro sobre São Paulo, sempre citado na bibliografia paulista como um dos melhores relatos de viagem à então Província de São Paulo. E é justamente uma reedição desse livro há alguns anos publicada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, que me leva a evocá-lo nesta nota.

Quase oitenta anos ficou a "Peregrinação pela Província de São Paulo", inteiramente ausente das livrarias, pois publicada, como se disse, em 1863, só em 1943 seria reeditada pela antiga Editora Cultura, de São Paulo, integrando a série "Brasilica", onde figurava como volume quarto. Com a falência desta Editora, seus livros (inclusive o Zaluar e outros títulos valiosos da mesma coleção) foram vendidos por preço ínfimo pelas calçadas do centro da cidade de São Paulo. Foi onde adquiri vários

exemplares, que ofereci a amigos e colegas. E com isto, desapareceu de novo o Zaluar, para só reaparecer dez anos depois, quando Afonso de Taunay planejou a "Biblioteca Histórica Paulista", comemorativa do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo e publicada pela Editora Martins, e nessa coleção houve por bem incluir a "Peregrinação" do Zaluar. Esta edição de Taunay foi reimpressa em 1975, em tiragem não vendida, mas apenas distribuída a bibliotecas. Na mesma época aparecia uma nova edição, pela Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Universidade de São Paulo e reproduzindo facsimilarmente a edição de Taunay, tendo a mais, apenas, um prefácio de Mário Guimarães Ferri, diretor da coleção "Reconquista do Brasil", da editora mineira e na qual foi a "Peregrinação" incluída sob o n.º 23. É esta a edição no momento disponível, se já não estiver esgotada.

Zaluar, que nasceu em Lisboa em 1825 e faleceu no Rio de Janeiro em 1882, esteve em Campinas e o que escreveu sobre nossa cidade é de muita valia, como aliás o é o que escreveu sobre a antiga Província de São Paulo, na qual observou não apenas os aspectos urbanos, mas, principalmente os aspectos ligados à vida rural, com descrições bem pormenorizadas de nossas antigas fazendas da época áurea do café. É bem significativo que seu nome tenha sido lembrado para batizar uma rua de Campinas.

("Correio Popular" de 10-fervereiro-1982)

EMILIO ZALUAR

O primeiro jornal em que Machado de Assis colaborou foi "O Paraíba", editado em Petrópolis, no Estado do Rio.

Se ninguém, a não ser os biógrafos de Machado, nunca ou viu falar neste jornal, também a figura interessante de seu dono é quase desconhecida na literatura brasileira.

Afinal, de quem era "O Paraiba", que durou apenas três anos, na segunda metade do século passado? Do escritor português radicado no Brasil Emilio Zaluar, que fundou, ainda, outros "jornalinhos" de menor importância. Mas ele merecia ser conhecido (e não é) por um livro chamado "Peregrinação pela Província de São Paulo".

De leitura agradável e importante como documentário, ele conta uma viagem que fez, em 1862, a cavalo, do Rio a São Paulo. Sem pressa, parando em todas as cidades, em cada hospedaria, maravilhando-se com cada pôr-do-sol, ele deixou, com seu livro, um retrato das pessoas e da paisagem do Brasil daquela época.

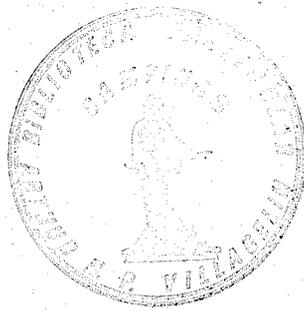
Além disso, segundo Salvador de Mendonça, cronista da época, a viagem de Zaluar tinha um motivo prático, ainda que também profundamente pitoresco: ele, como um mascate, tentava fazer de cada novo conhecido um freguês. Vendia assinaturas de seu jornal "O Paraíba". Mas suas assinaturas não eram semestrais nem mensais. Ele procurava assinantes remidos que, pagando de uma vez determinada quantia, receberiam o jornal enquanto vivessem.

É claro que do Rio a São Paulo a colheita foi boa, e ele voltou com os bolsos cheios. O jornal durou pouco, mas ele não tinha dado, às suas "vítimas", nenhuma garantia de continuidade, o que o isentava de qualquer responsabilidade.

E a passagem do escritor por São Paulo chegou a criar, entre os estudantes, o verbo "zaluar", exprimindo o que é muito frequente e não nos deixa em paz.

(Extraído da página 79, do Almanaque Mundial 1977, editado pela Editora Três).





(Conclusão da 1.ª pag.)

dro, não temos, repito, 200 braças quadradas em mata virgem de boa qualidade." Os cafezais duravam, por outro lado, muito pouco. Rodrigues da Cunha declarava que a produção, após vinte anos de vida, era escassa: "Os cafezeiros na província do Rio de Janeiro apenas chegam à idade de vinte ou a vinte e cinco anos, são considerados por nossos agricultores como velhos..." Burlamaqui, escrevendo no próprio ano da viagem de Zaluar, era ainda mais pessimista: "Não vale a pena apANHAR-se depois dos quinze anos de idade." Ora, com o decréscimo da produtividade do escravo, com a escassez de novas terras, com o envelhecimento precoce das lavouras, a agricultura fluminense estava irremediavelmente condenada. Daí a marcha para novas terras, dentro do mesmo sistema, aquela rotina a que muitos se referiram, sem perspectivas, sem qualquer inovação técnica, sem horizontes. E, além disso, haviam entrado, nas duas províncias vizinhas, na época em que tudo se dava ao cafezal, deixando de parte a lavoura de subsistência.

Zaluar, observador meticuloso, apenas embaraçado ante a falta de informações seguras e principalmente de dados estatísticos, na sua preocupação de bem informar, já nos oferece notícias das alterações graves que o abandono das lavouras de subsistência vinha proporcionando. Alguns municípios do chamado norte de São Paulo ainda produziam o suficiente para a alimentação de suas populações. Outros já não estavam na mesma coisa, e deviam receber os gêneros de fora. As estatísticas, alias, comprovam o quadro pois, com o declínio da produção, subiam os preços, de tal sorte que, entre 1850 e 1860, quando Zaluar iniciou sua viagem, o arroz, o açúcar, a carne verde e o bacalhau quadruplicaram de preço, o toucinho, o milho e o alho quintuplicaram, enquanto o queijo e o sal dobraram. Para um decênio apenas, as diferenças foram, realmente, enormes. Era o regime da monocultura, em que se julgava prejudicar os cafezais com a mistura de plantação de alimentícios, o quando tudo se dava ao café pondo de parte qualquer outra atividade. E dava-se tudo, freneticamente, na ansia de conseguir maior produção, de tal sorte que "nem o homem nem a terra descansava..."

Zaluar observou cuidadosamente tudo isso. Notou o esplendor das casas de fazenda, entre as quais destacou a do comendador José de Sousa Breves, em Barra Mansa: "Um delicioso jardim se desdobra como um tapete de flores pelo pendor da colina sobre que está assentada esta suntuosa habitação, e dá-lhe um novo realce. Duas escadarias laterais de mármore levam a uma espaçosa varanda, para onde deita a porta do salão de espera, que é uma vasta quadra cujas paredes estão adornadas pelos primorosos retratos de S. M. o Imperador e de S. M. a Imperatriz, devidos ao habil pincel de Cromwellston. Sets

ou oito magníficas gravuras, representando as copias de diferentes quadros de Horacio Vernet, completam a decoração artística desta elegante sala, correspondendo a mobiliária e os ornatos ao bom gosto que por toda a parte reina. A sala nobre é uma peça soberba. Grandes espelhos de Veneza, ricos candelabros de prata, lustres, mobília, tudo disputa a primazia ao que deste gênero se vê de mais ostentoso na própria capital do Império." E não lhe foi possível deixar de notar, por outro lado, o abandono das estradas a inexistência de pontes, a pobreza dos edifícios públicos das cidades percorridas, num tempo em que, como assinala o viajante, a camara e a cadeia se conjugavam, no mesmo prédio, refletindo uma tradição antiga. No Banaual, um dos maiores municípios cafeeiros da época, Zaluar encontraria, como nos da província vizinha, o mesmo esplendor das casas de fazenda. E anotaria, com o seu cuidado habitual: "A sala de visitas, toda de branco, com frisos e ornatos dourados, tem o teto de muito bom gosto, e nos painéis das portas delicadas pinturas representando os passáros mais bonitos e conhecidos do Brasil noutros ramos das arvores ou arbustos de sua predileção de cujos troncos se vêm pender deliciosos e matizados frutos."

A sala de jantar e a capela, que é um trabalho de muito preço, não merecem menos elogio. Mas não deixa de observar, também, o contraste oferecido pelas cidades: "Os grandes proprietários de terrenos, deixando de frequentar os povoados, e reconcentrando-se em suas fazendas, que são os verdadeiros castelos feudais do nosso tempo, fazem convergir ali toda a vida, que refúgio das povoações para essas moradas ostentosas onde muitas vezes o luxo e a riqueza disputam primazia à magnificência dos palácios da capital."

Na sua passagem por Lorena, Zaluar teve oportunidade de verificar, além de tudo aquilo que, por toda a parte, lhe merecia a curiosidade, o problema dos transportes. E nos observa, a respeito: "Três estradas importantes se cruzam em Lorena. A estrada geral de S. Paulo a de Mambucaba a Parati, por onde se faz o transporte dos produtos tanto deste município como do de Silveiras, ambas em pessimo e lastimoso estado, por medonhas serras e canchulos, e a de Minas, que é de tal importância que consta dos registros ai passarem por ano para cima de vinte mil animais, que transportam desta província os seus produtos para os grandes mercados da corte". E acrescenta, com muita propriedade: "A questão que mais preocupa a atualidade o espirito dos habitantes de Lorena é a nova direção que se pretende dar, quanto ao seu limite terminal na província do Rio de Janeiro, à estrada de ferro de Pedro II". Questão que não preocupava apenas os habitantes de Lorena, mas todos os habitantes do vale do Paraíba, e que Zaluar notaria, em Campinas, no que dizia respeito ao prolongamento da ferrovia inglesa, projetada para terminar em Jundiaí. Preocupação que assinalava uma etapa da mudança, da transição do transporte em tropas de muare para o transporte ferroviário, época que comeceria o começo da de-

cadência de Ubatuba, que gozava do privilegio de ter sido o maior porto exportador de café, e o começo do esplendor de Santos, tornado, logo depois, o porto por excelência, particularmente quando os cafezais declinaram no vale do Paraíba, em favor daqueles que, percorrendo os espigões dos afluentes do Paraná, ou atirando-se para Ribeirão Preto, seriam coletados pelo escoadouro natural que a sagacidade britânica serviria com a construção da ferrovia.

O quadro do ensino publico, que Zaluar nos apresenta, dá uma indicação nítida do seu abandono, e pode bem servir a uma análise justa do que poderia ser a mentalidade da época, quando grande parte dos fazendeiros, ainda os mais ricos, assistiam de cruz. O numero reduzidissimo de alunos matriculados, particularmente os do sexo feminino, nos mostra, com segurança, o nível intelectual da época, contrastando com alguns exemplos de homens educados nos grandes centros europeus. E o quadro dos leprosos, a perseguição as estradas, não é dos menos interessantes, entre os apresentados pelo autor da viagem. Sua promiscuidade com a população fazia horror ao jornalista luso.

De S. Paulo, Zaluar nos faz uma pintura pouco lisonjeira: "Apesar da majestosa natureza que a circunda, da suave elevação em que se acha colocada e do ameno clima que a banha, a cidade de S. Paulo é triste, monotonica e quase desanimada". Faz Zaluar referencia ao papel que os estudantes da Faculdade de Direito desempenhavam, nesse burgo pobre e apagado, distinguindo a população permanente e rotineira dessa população transitória e ativa, cheia de movimento e destinada a emprestar bulício à cidade. Bulício raramente dominante, pois S. Paulo se conservava, quase sempre, conforme nos conta Zaluar, "monotonica, e nos seus dias de festa em vez do riso jovial e franco, é faciturna e reservada, como uma heata que vai à missa das almas com o rosto escondido na mantilha e as contas do rosário a aparecerem por baixo das rendas de um mantelete de seda". E distingue, logo adiante: "No meio desta população pacifica, se bem que ativa e laboriosa nos seus habitos de reclusão, e para a qual o presente parece conculhar a maior parte das ambições, pois que não se estorça por sair do jogo das antigas usancas e de muitos costumes rotineiros, eleva-se uma colmeia mais ruidosa, infatigavel em sua ação, regurgitando de vida, pronta em todas as manifestações dessa vontade espontanea que produz o desvario e alimenta o genio, mas que entrebre aos propicios anos da mocidade as mil avenidas misteriosas do futuro, e são os habitantes dessa colmeia as abelhas douradas que fabricam ao sol da juventude os primeiros favos da sabedoria e da ciencia!"

Há nessas linhas muito de Zaluar, de suas preferencias mais do que da realidade, mas há também, no contraste que espelham, o quadro exato de S. Paulo antigo, em que ninguém por certo poderia addivlhar, menos de um século depois, isto que conhecemos, e que se vai embutidando para as comemorações de quatro séculos de existência.



A peregrinação

NELSON WERNECK SODRE'

AUGUSTO EMILIO ZALUAR, português radicado no Brasil, dedicado ao jornalismo, realizou, em 1860 e no ano seguinte uma viagem, desde a província do Rio de Janeiro, entrando pela de São Paulo. Dessa viagem deixou uma narrativa, publicada em 1862, que vem merecendo, há muito, a atenção dos estudiosos. Suas reedições, de que a última, incluída pela Livraria Martins Editora na Biblioteca Histórica Paulista, com que pretende comemorar o 4.º centenario da fundação de São Paulo, é a melhor, sem duvida alguma, encontraram sempre leitores e anotadores. Zaluar tinha mais de dez anos no Brasil quando encetou a sua viagem, e residira em cidades da zona fluminense do café, de sorte que, percorrendo depois o vale do Paraíba, de que se declarou enamorado, e entrando pela região campineira, viria a conhecer, em detalhe, justamente a zona do país em que o café desdobrava as suas lavouras, numa de suas fases mais curiosas. Em 1860, realmente, a lavoura cafeeira havia já tomado um impulso considerável. Entrava o café com quase 50% do valor da exportação brasileira, naquela década e iria contribuir fortemente para que a nossa balança comer-

cial com o exterior começasse a fornecer os primeiros saldos. A dívida externa, por sua vez, em relação a 1825, aumentara muito pouco, de sorte que a situação do país se afigurava promissora, considerado o quadro em que se desenvolvia o seu sistema de produção, tipicamente colonial.

A importação denunciava, por sua vez, transformações interessantes. Assim é que, tendo importado máquinas e acessórios num valor correspondente a apenas 0,2% do valor total das importações, na quarta década do século XIX, importáramos tais elementos num valor correspondente a cerca de 3% do total, pouco depois do ano em que Zaluar viajou. Se, em 1839-40, o carvão de pedra estava em 17.º lugar, na importação brasileira, e em 18.º o ferro e aço, já em 1870-71 esses lugares seriam, respectivamente, o 3.º e o 9.º, indicando uma transformação importante na larga vida nacional, em que o placido ruralismo começava a alterar-se. Depois da ferrovia construída por Mauá, junto à Corte, surgira a obra importantíssima que ligava Santos a São Paulo. Introduziam-se, pois, novas técnicas.

E o proprio regime de trabalho começava a sofrer alterações fundamentais, desde a suspensão do tráfico negreiro, em 1850, motivando a larga movimentação de escravos do norte para o centro-sul, o envelhecimento progressivo da massa escrava, que fornecia o trabalho, a necessidade de encerrar uma modificação nesse terreno. Apareceram os ensaios de introdução do trabalho livre, proveniente de braços europeus, com a imigração, conduzindo ao estabelecimento de novos regimes, a substituir a servidão negra, entre os quais a parceria, que Vergueiro ensaiou, em Ibicaba, de que nos deixou um testemunho curioso o alemão Davatz. Entre outros fatores que sofreriam alterações estava a disponibilidade de capitais,

que a suspensão do tráfico proporcionara, forçando-lhes a aplicação em outros destinos, — disponibilidade que teve, conforme alguns estudiosos já apreciaram, efeitos muito importantes no quadro geral da economia brasileira.

Se, do ponto de vista economico, as alterações, em relação ao quadro antigo, eram estas, do ponto de vista geografico denunciavam-se outras, que teriam consequências importantes. E' que, quando Zaluar empreendeu a sua peregrinação, os cafezais fluminenses começavam a declinar, ao mesmo tempo que os do vale do Paraíba paulista atingiam uma fase de grande esplendor, e já começava a etapa campineira. O café adquirira a importância de que não mais decaltria e acelerava não só

o volume de sua ascensão como a rapidez de sua caminhada. Daí por dia, até os nossos dias, a sua historia seria assimilada, quase simultaneamente, pelo enorme desenvolvimento em volume e valor e pela gula frenética de novas terras. Ora, aconteceu, na época de Zaluar, que as manchas florestais fluminenses estavam praticamente esgotadas. A Baronesa do Tati do Alferes podia escrever, por essa época: "A absoluta escassez de terrenos propios para o plantio do café não me permitiu aumentar a sua plantação... Não temos, com pesar o digo, em todas as nossas fazendas, que abrangem uma área de terreno equivalente a 21.104.000 braças quadradas ou quase duas léguas e meia em área" (Conclui na 14).

Suplemento
do CORREIO PAULISTANO



AUGUSTO EMILIO ZALUAR

Poeta e jornalista português, Augusto Emilio Zaluar veio para o Brasil em 1849. Excursionou pelas provincias de São Paulo e Rio de Janeiro, reunindo suas impressões de viagem em volume que publicou em 1863.

Embora a crítica o considere um escritor medíocre, suas observações são válidas e frequentemente citadas na vasta literatura dos viajantes do século passado. A municipalidade campineira homenageou-o, dando o seu nome a uma via pública, no bairro do Bonfim.

(Extraído da pág. 294 da "Notícia Bibliográfica e Histórica" do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, nº 59, Ano V, referente a Julho/Agosto de 1974).